

Primeiro dia de aulas. Visita às cinco escolas. As semelhanças e as particularidades. O espaço arquitetónico pareceu-me coreógrafo dos que por lá circulam.

As dinâmicas já estão instaladas – eu é que venho a seguir. Gostava que a minha presença escapasse às campanhas. Tocam muito alto.

Queria saber se a dança era valorizada na comunidade escolar. Fui conversar com os alunos. Falaram-me das danças de Educação Física: sempre as mesmas. Propus a ideia de um grupo de dança na ESFN, para acompanhar o de teatro. No geral, proposta bem recebida. Planeio divulgar uma primeira sessão experimental. Deixei cartõezinhos com os meus contactos.

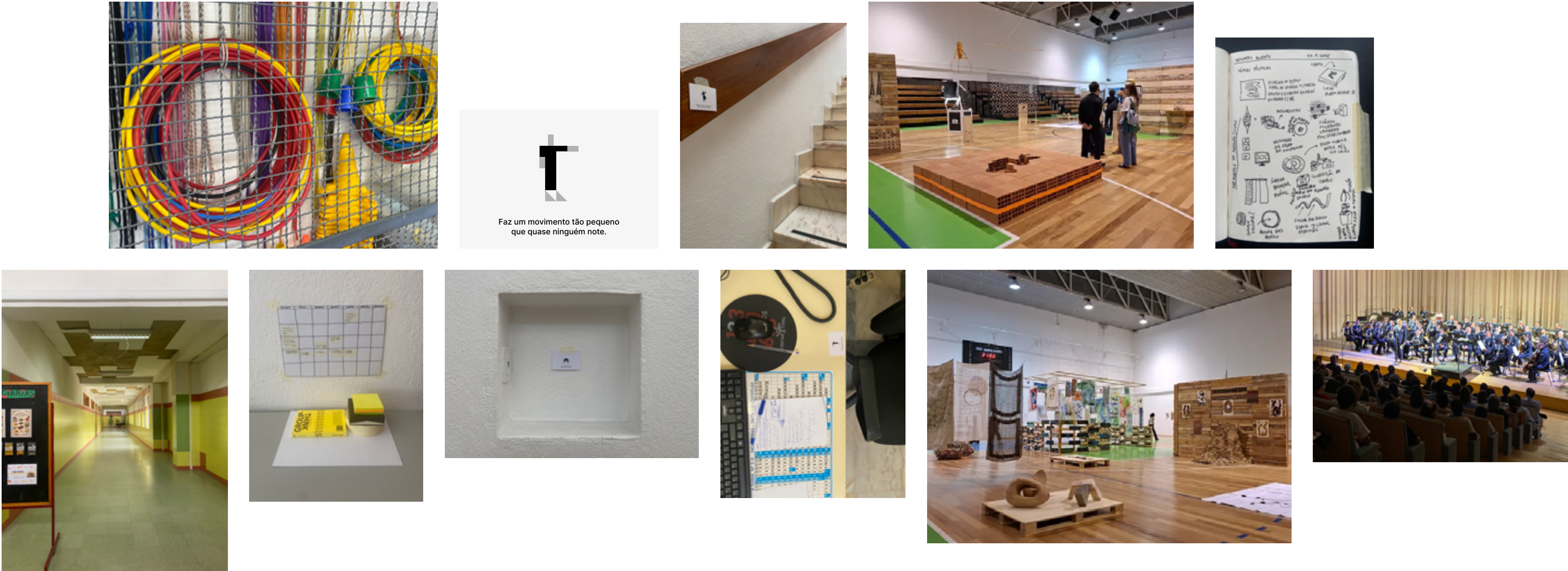
Com eles, e também espalhados pela escola. De um lado, pequenas instruções de movimento. Do outro, os contactos. aguardo retorno.

Primeira inauguração: *Quantos Queres*. Com obras de 51 artistas das modalidades de escultura, pintura, cerâmica, fotografia e instalação. E com trabalhos de desenho em papel e têxtil dos alunos da ESFN. Recolhi explicações, detalhes, pensamentos e histórias sobre as obras. Sustentarão as propostas de relação corpo-obra na visita guiada coreográfica com os alunos.

Segunda inauguração: *E em Vez do Medo?* Ecoou em mim a relação entre o medo e as mãos. Querem? Quero todos. E em vez do medo? A dança.

Às turmas de Artes do 10.º e 11.º ano, apresentei o meu percurso. Falámos também de dança. A expectativa era de liberdade, expressão, sentimentos, hip-hop, fado, emoção. Mas acabou por se sobrepor a estranheza paralisante.

Compararam, e muito bem, a dança à arte abstrata, com um significado muito oculto. Talvez possamos encontrar uma dança com mais propósito no gesto do desenho.



Cheguei ao Agrupamento com vontade de trabalhar sobretudo com os alunos mais velhos (para além de professores e auxiliares). As propostas que tinha imaginado pareciam-me depender de alguma autonomia e responsabilidade na participação. Ao mesmo tempo, quis ouvir as necessidades e vontades do Agrupamento. Devolveram-me um pedido: passar algum tempo nas escolas de Ensino Básico. O trabalho com crianças era, para mim, um território desconhecido.

O rescaldo desta semana é a surpresa dos desafios inversos: senti uma maior distância no primeiro contacto com os alunos mais velhos; foi com os mais novos que consegui estabelecer de forma mais natural e rápida uma relação de confiança e participação.

Continuei as apresentações às turmas de Artes – faltava o 12.º ano. Fiz mudanças. Da projeção no quadro branco, para o ecrã de trabalho do computador. Da plateia em meio círculo, para a roda de conversa. Também uma nova abordagem à dança: um afastamento da sua forma em palco, para uma aproximação ao seu potencial na criação de proximidade, empatia e diversão no dia-a-dia – em casa, na rua, na escola.

Daqui surgiu o convite-desafio de pensarmos juntos em como guiar o corpo na visita à exposição *Quantos Queres*. Estaremos lá a experimentar na próxima semana.



Para os 4.º anos, preparei uma sessão sobre as *Cinco extremidades do corpo*, numa tentativa de diálogo com o tema do Plano Cultural de Escola: *Cinco cores*. Explorámo-las em separado e em conjunto. Animais como a estrela-do-mar, a serpente ou o gato vieram ajudar-nos a encontrar formas e dinâmicas de movimento.

Achei interessante observar como cada turma chegava ao ginásio numa organização corporal e espacial específica, e a forma como isso moldava o início da sessão. Variavam entre entrar em fila ou em pequenos grupos, aguardar de pé ou sentados, ocupar uma extremidade do espaço ou distribuir-se por todo o ginásio. A um dado momento, havia uma clara “passagem de testemunho”, da professora titular para mim. Mudava-se o foco. Conversava-se um pouco. E com a primeira proposta de caminhar pelo espaço, era quase como se todos fizéssemos um *reset* aos corpos e às suas possibilidades de movimento. Senti liberdade, felicidade e disponibilidade.

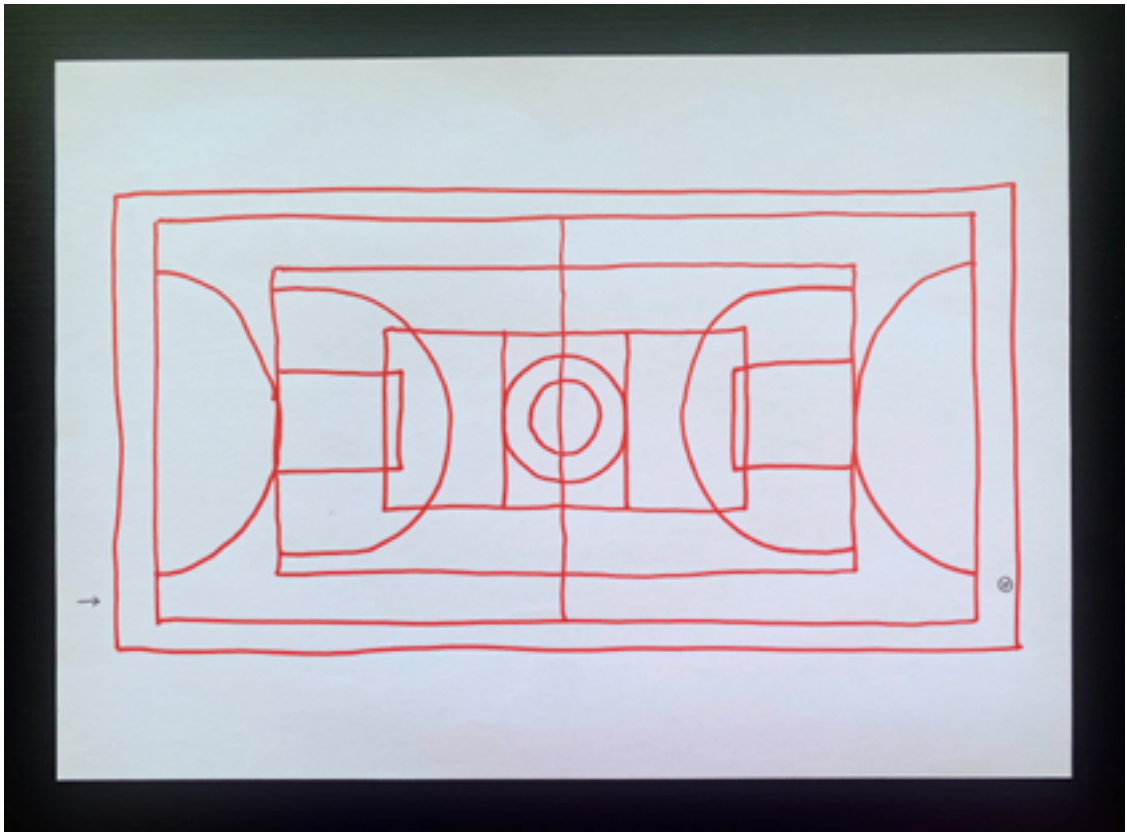
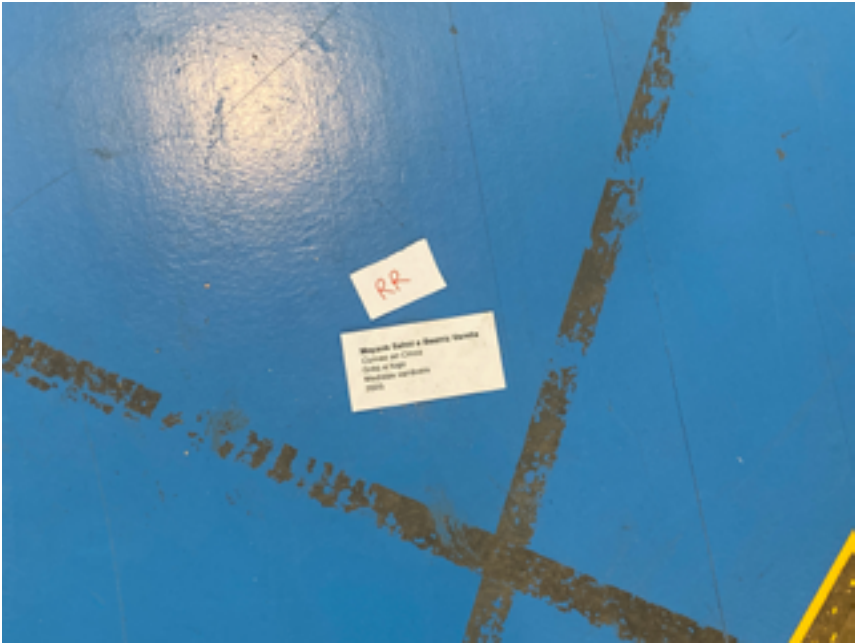
Guardei comigo comentários que surgiram no final da sessão, para os levar para as próximas. O mais curioso e recorrente: “E quando é que vamos dançar?”.

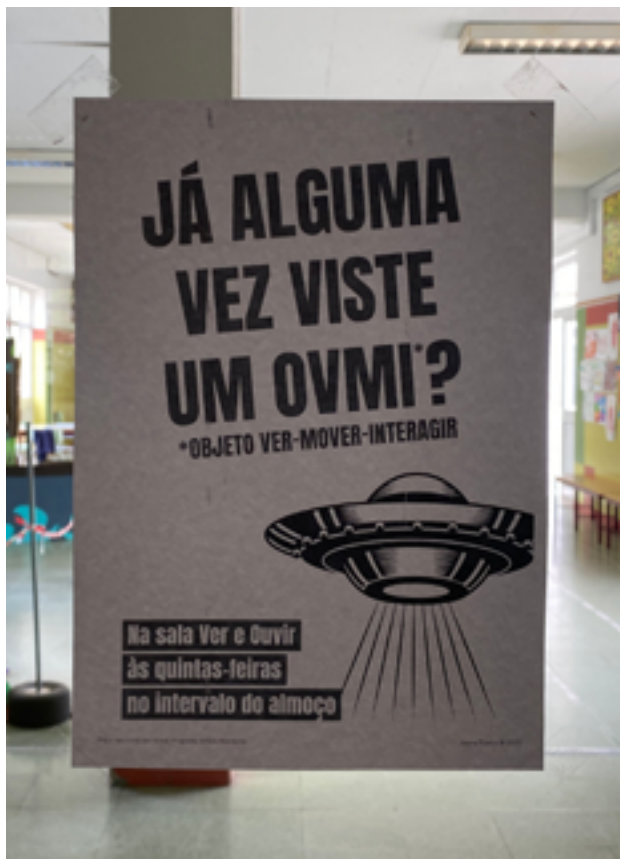
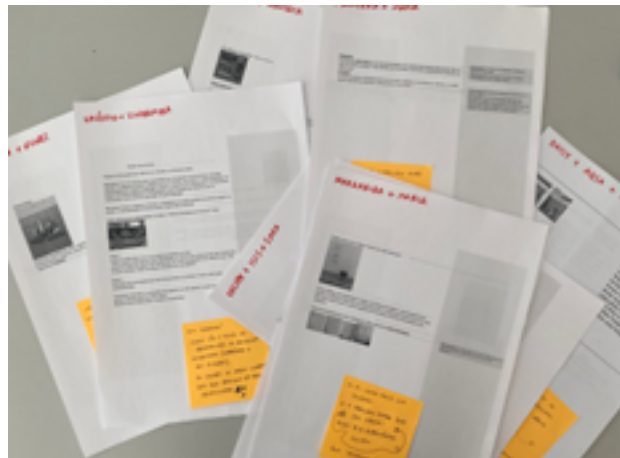
No contexto destas sessões com o 4.º ano, fui conhecendo a equipa de Educação Física, que se lembrou que eu podia ser útil nos módulos de dança. Claro! Mas sem esquecer os OCNIs – Objetos Coreográficos Não Identificados.

Esta semana foi dedicada ao 12.º ano. Encontrámo-nos na exposição *Quantos Queres* e convidei-os a pensar na visita a partir do corpo. Propus que cada par de alunos escolhesse quatro obras e começasse a imaginar modos de olhar, de explorar o espaço entre o corpo e a obra, de sentir as materialidades, de ativar imaginários. Pedi também que pensassem num percurso – um trajeto entre duas obras – para que o transitar se tornasse tão significativo quanto o permanecer.

No dia seguinte, acompanhei-os na aula de Oficina de Artes. As ideias já ganhavam alguma forma, mas muitas a fugir ao movimento. Sugeri clarificar a dimensão espacial com tarefas específicas, experimentar a colaboração entre visitantes, usar cores, cheiros e texturas, trazer objetos, incorporar as formas das peças, dirigir o olhar. O objetivo foi ajudá-los a transformar ideias iniciais em propostas de corpo concretas. Para que se pudessem fazer gestos e movimentos que não se vêem numa exposição, para tornar a experiência mais imersiva, para desverticalizar o corpo, para inverter a predominância da visão.

Reuni ainda com a coordenadora da Escola Sophia de Mello Breyner Andresen. Partilhamos a vontade de ocupar os intervalos. Gosto da ideia de *playground*: um espaço de encontro, de jogo e, eventualmente, de dança. Escolhemos as manhãs e os almoços de quinta-feira para experimentar o que acontece quando há música no recreio ou quando um Objeto Ver-Mover-Interagir surge na sala Ver e Ouvir.





Semana 4: sinto-me a aquecer.

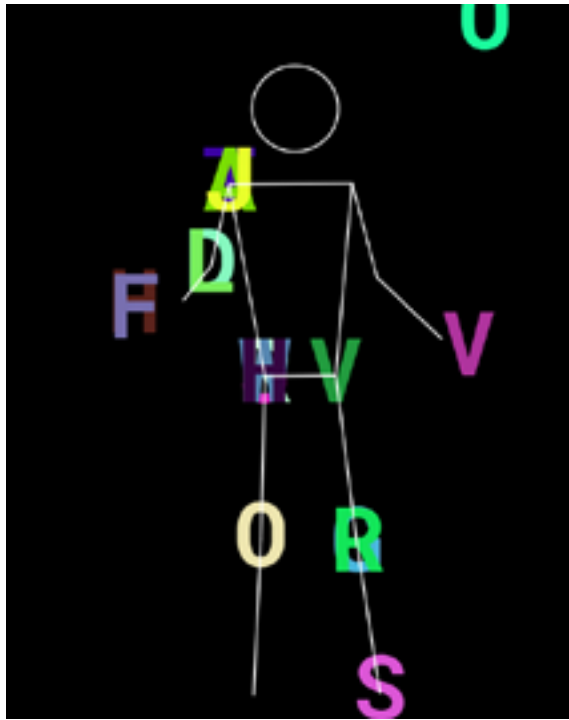
O regresso aos 4.º anos foi recebido com a expectativa deixada pela primeira sessão. Desta vez, explorámos 5 ações do corpo: esticar, baloiçar, andar, rodar e saltar. Descobrimos braços que tocam guitarra, costas planas como uma mesa, pés que se transformam em orelhas de coelho. Prestámos mais atenção à música, que nos ajudou a estruturar as sequências de movimento e a experimentá-las em diferentes velocidades. Aos poucos, a ideia de dança começa a mudar – já não é só as coreografias aprendidas pelo ecrã.

Com o 12.º ano, demos finalmente corpo às propostas de visita à exposição. E parece-me que ficou toda a gente surpreendida com a magia de encontros tão simples, mas tão bonitos! De repente, podíamos deitar-nos em lençóis e almofadas por baixo de uma pintura, ouvir a descrição de uma obra e imaginar o que não se via, percorrer com a mão relevos em azulejo, contar ao espelho o que se queria ser em criança. Aproximámo-nos das obras, mas também uns dos outros. Vi muitos sorrisos.

Na EB 2/3 Sophia de Mello Breyner Andresen, a manhã começou com vinte minutos de música no recreio. Sem nenhuma proposta em concreto, foram aparecendo coreografias conhecidas por alguns, e danças mais espontâneas em resposta ao som. Ficaram com pena que este *pop up* acontecesse só uma vez por semana. Vou tentar aparecer mais vezes.

À hora do almoço, avistou-se o primeiro **OVMI** (anunciado em cartazes espalhados pela escola). Vinham à sala perguntar se ali é que era “aquela coisa dos *aliens*”. Não era bem isso, mas o efeito era o mesmo: decodificar um objeto desconhecido – claro, através do corpo. A ferramenta mostrou-se muito aberta, disponível a diferentes possibilidades de interação. Uns fizeram música com os sons das formas, outros quiseram juntá-las, tirá-las do ecrã, construir figuras.

Fico a pensar nos próximos encontros.



Fotografias de Ana Frias



A visita à exposição parece-me ter corrido muito bem para os dois lados: para quem a propôs e para quem foi guiado. As propostas mais arrojadas no movimento, aquelas que pareciam ridículas, foram recebidas com receio. Escondiam-se uns atrás dos outros, como se o corpo quisesse desaparecer. Mas, aos poucos, o desconforto transformou-se em curiosidade, e a curiosidade em jogo. Ao confronto com o ridículo, sobrepôs-se a brincadeira. Foi bonito ver jovens com tanta vontade de serem adultos verticais a experimentarem o desequilíbrio.

Tivemos registos fotográficos da Ana Frias, que captou as reações aos gestos e às aproximações, e a primeira presença do realizador João Sanchez, que nos vai começar a acompanhar de forma mais regular.

Na EB 2/3 SMBA, mais uma quinta-feira de ver-mover-interagir. Dinamizou-se o recreio com “discos pedidos” e, à hora de almoço, novo OVMI. Com objetos-letra, formaram-se palavras a tenderem para o universo da identidade. Vi rostos conhecidos e outros novos. Já se antecipava o OVMI da próxima semana, com sugestões que vou tentar seguir.